

Jornalismo e Literatura: O diálogo entre os dois campos da linguagem¹

Eliane Aparecida Dutra²
Samara Gracioli³

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

RESUMO

O Jornalismo Literário no Brasil pode-se considerar de baixa abrangência, se comparado, àqueles que ocupam os meios de comunicação de massa ou de comunicação imediata. Isso porque a finalidade do jornalismo literário não está simplesmente na veiculação de informações objetivas, e sim, na construção de grandes reportagens que despertem o interesse social. Nesse contexto, este artigo tem a finalidade de esclarecer como se deu o encontro entre o jornalismo e a literatura e a partir de quais conceitos o jornalismo literário foi estruturado. Além disso, será abordado o surgimento da literatura e, por fim, quais são os elementos que compõem a narrativa literária e a atualidade do jornalismo literário no Brasil.

Palavras-chave: Linguagem; Jornalismo; Literatura.

1. INTRODUÇÃO

O espaço destinado ao jornalismo literário na mídia brasileira é pequeno se comparado àqueles que ocupam os meios de comunicação de massa. É limitado, ao constatarmos que a mídia no Brasil se caracteriza pelo registro dos fatos cotidianos, na busca incessante por furos e na representação da realidade do país e do mundo através da notícia.

A finalidade do jornalismo literário não está na veiculação simplesmente de informações objetivas, mas na construção de grandes reportagens que despertem o interesse

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), formação em Comunicação Social – Hab. Jornalismo, Tecnologia em Marketing, Licenciatura em Letras. Professora da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), Faculdade Mater Dei em Pato Branco-PR e da Pós-graduação da Universidade Paranaense - UNIPAR. Endereço eletrônico: elianedutra@unochapeco.edu.br.

³ Especialista Unochapecó. Endereço eletrônico: samaragracioli@hotmail.com.br

social e que proporcionem reflexão além de conhecimento. Contudo, o grande público não tem contato diário ou permanente com o jornalismo literário e, conseqüentemente, com o trabalho realizado nessa área.

Acredita-se na relevância do resultado da união dos dois gêneros - Jornalísticos e o Literário - para a sociedade, no sentido de oferecer conhecimento além de informação para o desenvolvimento de um texto mais consciente, reflexivo e crítico sobre a sociedade.

Desta forma, este artigo tem a finalidade de tentar esclarecer como se deu o encontro entre o jornalismo e a literatura, e a partir de quais conceitos o jornalismo literário foi estruturado. Para isso, realiza-se uma apresentação sobre a origem e desenvolvimento do jornalismo, que estabeleceu a objetividade como um padrão de narrativa jornalística. Após, evidenciar como a objetividade modificou e dominou o exercício da atividade jornalística e os efeitos do campo do jornalismo em outros campos. A narrativa jornalística de textos noticiosos pode ser considerada impessoal por exigir que o autor apareça somente em terceira pessoa. Já a literatura proporciona que o narrador tenha liberdade para atuar em primeira pessoa, na terceira pessoa ou até mesmo como pensamentos dos personagens.

Portanto, para esclarecer as características de cada campo, será apresentado como a literatura surgiu, no século XVI, atendendo a capacidade dos poucos que sabiam ler na época, com textos que proporcionavam o conhecimento, independente do tema. Em seguida, compreender quais são os elementos que constituem a narrativa literária. Para concluir, apresenta-se os conceitos que definem o jornalismo literário e as produções do campo, bem como retratar a influência da literatura no jornalismo, da construção e desenvolvimento do jornalismo literário na década de 1960, a partir do então nomeado novo jornalismo, além de expor qual é a atual realidade do jornalismo literário no Brasil.

2. BREVE CONTEXTO: A LITERATURA NO JORNALISMO

Os séculos XVIII e XIX consideram-se os pioneiros da junção dos dois gêneros – literatura e jornalismo. Foi a partir dessa época que a literatura passou a ser influência no jornalismo, quando escritores renomados se infiltraram nas redações dos jornais contribuindo com o conteúdo e a linguagem utilizada nos mesmos. O folhetim surgiu nessa época também como um novo estilo. Para Pena (2006, p. 28), é “a marca fundamental da confluência entre jornalismo e literatura”. A primeira aparição do folhetim foi na França no

Journal des Débats como uma espécie de coluna, destinado a produções literárias e assuntos diversos.

Foi a partir de um jornalismo popular surgido na França e na Grã Bretanha nas décadas de 1830 e 1840 que o conceito foi incorporado às normas capitalistas. Isso foi devido às narrativas literárias gerarem mais lucros e um aumento no número de leitores para os jornais.

De acordo com Pena (2006), esse novo gênero era destinado a todas as classes, por isso a linguagem era simples e a narrativa de fácil compreensão. Além disso, os temas eram comuns para gerar identificação do leitor com o personagem, e, a partir disso, criar emoções. Como os folhetins eram publicados por partes, somente no final de cada capítulo é que acontecia o momento mais esperado como a cena de um beijo, ou a descoberta de uma traição. Apesar disso, os autores sempre retomavam os acontecimentos já ocorridos para manter o leitor situado.

Pena (2006), afirma que, os folhetins tinham qualidade literária e, por isso, grande parte dos autores dessa classe tornou-se célebre, como Machado de Assis. Jornalista, Machado se firmou quando trabalhou no Senado Federal, publicando críticas sociais nos jornais *Gazeta de Notícias* e *Correio Mercantil*. “De fato, apesar das críticas à sua estrutura popular, o folhetim democratizou a cultura, possibilitando o acesso do grande público à literatura e multiplicando o número de obras publicadas”. (PENA, 2006, p.31).

No século XIX, esses escritores passaram a ser reconhecidos nacionalmente, e conseqüentemente, foi o período em que determinou a verdadeira influência da literatura no jornalismo. Pena cita Arnold Hauser, afirmando que “o romance de folhetim significou uma democratização sem precedentes da literatura e um nivelamento quase absoluto do público leitor” (PENA, 2006, p.32).

Pode-se considerar que essas questões eram favoráveis para os dois lados, afinal, os jornais necessitavam de mais lucro e de leitores, assim como os escritores. Porém, os livros eram muito caros, e os jornais não atraíam as pessoas que não tinham o hábito de ler. Assim, unir os dois campos foi inevitável.

A solução parecia óbvia: publicar romances em capítulos na imprensa diária. Entretanto, esses romances deveriam apresentar características especiais para seduzir o leitor. Não bastava escrever muito bem ou contar uma história com maestria. Era preciso cativar o leitor e fazê-lo comprar o jornal no dia seguinte. E, para isso, seria necessário inventar um novo gênero: O folhetim. (PENA, 2006, p.32).

Todavia, a partir do século XIX, a literatura entrou em decadência e passou a perder espaço nos jornais. As narrativas baseadas em técnicas literárias e que até então eram importantes para seduzir novos leitores tiveram de se adaptar aos novos textos jornalísticos.

É com essa lógica que surgem os cadernos literários nos jornais. (...) Os suplementos tem a função de acrescentar alguma coisa aos jornais, mas devem seguir incondicionalmente as características da imprensa moderna. Ou seja, não estão só sendo submetidos a regras básicas do discurso jornalístico (clareza, concisão e objetividade), como tem na venda o seu objetivo primordial. (PENA, 2006, p.40).

Os cadernos literários possuem colaboradores de diversas áreas, como professores universitários, mestrandos, doutorandos, psicanalistas, intelectuais e escritores.

3. O JORNALISMO E A LITERATURA EM UM SÓ DIÁLOGO

A comunicação discursiva possui diversas esferas, uma delas é a linguagem. E, é na linguagem que o homem constrói estruturas para se comunicar, seja na troca de informações no jornalismo ou na narrativa de histórias da literatura. Todavia, o ser humano encontra uma alternativa entre essas duas possibilidades ao conseguir reunir características dos dois campos e estruturar um novo gênero: o jornalismo literário.

Castro e Galeno (2005, p. 9), afirmam que, a fronteira entre o jornalismo e a literatura está cada vez mais difusa. “Cada uma recorrendo aos recursos e cosmovisões da outra, como forma de desvendar o mundo e propô-lo com um sentido e uma tarefa ao leitor.”

A fronteira que separa os dois campos da linguagem diminui ainda mais quando o jornalismo toma consciência do silêncio da palavra. Castro e Galeno (2005, p. 49), afirmam que “o jornalismo, como construção de texto, precisa falar do verdadeiro, sem falsidade, mas com verossimilhança”. Portanto, cabe ao profissional descobrir a medida da deformação necessária para dar forma expressiva a um conteúdo bruto. “Em jornalismo, ser expressivo é mais do que uma exigência: um imperativo. Por isso, o jornalismo não pode viver sem a consciência da literatura”. (CASTRO E GALENO, 2005, p. 50).

Acima de tudo, de acordo com Medina (1996, p. 215), “a literatura ajuda o jornalismo a que este se torne mais humano”.

4. A NARRATIVA JORNALÍSTICA

De acordo com Beltrão (1969), a finalidade da narração jornalística é transmitir a informação de forma clara, objetiva e direta, de modo a garantir a compreensão por parte do leitor. Além disso, é de grande relevância se deter em detalhes como a precisão no vocabulário, o uso correto da língua e o emprego de adjetivações justas e adequadas aos fatos.

Beltrão (1969), afirma que, a narração jornalística possui três elementos fundamentais para conquistar o leitor: os personagens, a ação e o ambiente. “Preocupa-se o jornalista com os antecedentes, circunstâncias e consequências do sucesso, fixando-os bem para que o leitor compreenda o fato” (BELTRÃO, 1969, p.40).

A descrição é o principal meio de realização da narração jornalística. Esse trabalho tem como objetivo representar fielmente um fato. Por esse motivo, os repórteres são enviados aos locais de ocorrências para que a observação seja verdadeira e objetiva.

De acordo com Albuquerque (2000), tais elementos utilizados pelos jornalistas são uma maneira de comprovar a veracidade da informação. Desta forma, segundo ele, a narrativa jornalística fundamenta:

A autoridade interpretativa da comunidade jornalística como um todo frente a comunidades interpretativas concorrentes, tais como, digamos, autoridades governamentais ou membros do meio acadêmico. (ALBUQUERQUE, 2000, p.6).

Pode-se compreender que, segundo o autor, as notícias podem ser analisadas a partir da proposta de informar ou narrar.

A notícia, de acordo com o Manual da Redação da Folha de São Paulo (2001), é o registro dos fatos sem opinião. Estas notícias abordam diversas áreas, como saúde, educação, cultura, ciência, política, etc. Para a Folha de S. Paulo “a busca da objetividade jornalística e o distanciamento crítico são fundamentais para garantir a lucidez quanto ao fato e seus desdobramentos concretos”. (2001, p. 22).

4.1 CAMPO JORNALÍSTICO

Desenvolvido na Europa, a partir do século XVII, durante o Iluminismo, o jornalismo moderno surgiu em um período em que o homem estabeleceu o uso da razão como meio de tomar decisões. Guerra (2003, p.1), afirma que a “individualidade, razão e

emancipação são três pilares do programa de transformações ocorridas na Europa, que operam uma revolução cultural no velho mundo”. A notícia, no século XVI era o relato das batalhas mais importantes, das comemorações, dos encontros, dos falecimentos, entre outros. Mas, de acordo com Guerra (2003), foi no século XIX que o jornalismo moderno consolida-se como “um padrão de vida na sociedade ocidental”, principalmente nos Estados Unidos. Por este motivo, a “separação entre fato e opinião torna-se um paradigma a influenciar profundamente a formação de um padrão de conduta (...) para a prática do jornalismo desde então” (GUERRA, 2003, p.6).

A objetividade é o paradigma a que o autor se refere, o qual determina a separação entre fato, opinião e emoção. O jornalista não deve demonstrar seus pensamentos em relação ao fato ocorrido com o intuito de ser imparcial e evitar a manipulação do público. Para Guerra (2003, p.13), “o trabalho jornalístico não pode prescindir da objetividade, pois só assim ele poderá cumprir com a tarefa que lhe é solicitada”, afinal, a mediação que o jornalista realiza entre o público e a realidade é construída pela função de compromisso com o factual, o que só ocorrerá se o relato sobre o fato for verdadeiro. “Se o discurso do jornalista for uma peça de ficção, obviamente não realizaria a função de mediar o contato do indivíduo com a realidade” (GUERRA, 2003, p. 13). O autor afirma também que a verdade das informações e a relevância dos fatos são base da mediação no jornalismo moderno.

5. A REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE PELO JORNALISMO

Nanami Sato, explica em seu artigo “Jornalismo, Literatura e Representação”, como o discurso jornalístico pode distorcer a realidade ao apresentar um fato. Porém, explica como a crônica, gênero próximo da literatura, pode superar certas irregularidades no jornalismo.

De acordo com Sato, a representação da realidade é exercida e entendida como o real em si, quando deveria ser mantida paralela ao real, utilizando-se de referências. Até mesmo quando essa representação atinge certo nível de proximidade da realidade é preciso reconhecer que o receptor é o que determina qual direção tal representação deve seguir. Por esse motivo, a realidade pode chegar até o público, distorcida. “A vocação da notícia é representar o referente, o que torna a notícia, a princípio, verificável” (SATO, 2005, p.31).

Dessa forma, a exigência de que o jornalista atue como terceira pessoa torna o discurso impessoal a ponto de encobrir todo o processo social que fez do fato notícia.

Roland Barthes explica que o jornalismo narra os acontecimentos a partir da pirâmide invertida, com o objetivo de segurar a atenção do leitor e cria um “tempo ficcional gradativo”. Na prática, o repórter seleciona as circunstâncias que considera importante e a partir daí, transforma a realidade em representação dela mesma. Procura também descrever o máximo de detalhes possíveis, porém transmite ao leitor que o real não pertence a um processo. “Portanto pode-se aceitar a afirmação de que fazer jornalismo é fazer história, a história do cotidiano” (SATO, 2005, p. 33).

Sato encontra na crônica uma alternativa que “se aproxima da opinião, da notícia e da narrativa ficcional” (2005, p. 33). Portanto, o que deveria ser um discurso jornalístico, torna-se literário. “A possibilidade de o cronista inventar incidentes, contar histórias, trás para as páginas do jornal, um fazer literário por excelência que permite criar um outro real” (SATO, 2005,p.33).

No texto ficcional o narrador determina a ordem cronológica dos acontecimentos e sua presença nunca é ocultada, pois na narrativa literária o foco é extremamente relevante no discurso e na constituição da história. Sato argumenta que a nova possibilidade eliminou a noção de espaço e tempo que gerava o princípio de causalidade, a essência da narrativa tradicional. Essa perspectiva também foi eliminada para aproximar o leitor do mundo criado pelo narrador e tornar as sensações e sentimentos descritos mais verdadeiros. Todavia, para Sato (2005, p.30), “o receptor da mídia está fatalmente condenado ao mundo epidérmico do senso comum”. Portanto, quando um cronista apresenta as perspectiva dos personagens envolvidos nos fatos, ultrapassa a aparência da realidade.

Assim, é possível entender como a prática do simples relato do cotidiano no jornalismo pode de certa forma alterar a percepção do leitor diante do fato. A literatura, ao contrário, propõe ao leitor uma leitura diferente, uma criação da realidade, um olhar diferenciado sobre temas comuns.

6. O DISCURSO LITERÁRIO

Quando se fala de discurso literário aborda-se a criatividade humana, pois participa de espaços onde a cultura do homem pode ser transformada, seja em suas formas de percepção, de construção de sentido, de exploração da comunicação social ou das teorias

que falam sobre ela. Castro (2004, p. 53) argumenta que no discurso literário “a essência da imagem do homem se forma e surge na ideia que ele faz de si mesmo, no desdobramento de sua autoconsciência, na forma criativa e original de representar os espetáculos da vida cotidiana”.

A narrativa literária faz com que a realidade deslize para o imaginário, gerando reflexão e sentimento em relação a quem as lê.

Toda obra literária é, portanto, um projeto ficcional situado num momento histórico e social revelados em alguns de seus aspectos formais, como marcas de um passado em que a tradição se manifesta, na inter-relação com outros textos de sua época. (CASTRO, 2004, p. 54)

Pode-se dizer então que o gênero narrativo surgiu na literatura a partir de uma visão moderna que modificou a até então classificação clássica de três gêneros: épico, lírico e dramático. De acordo com Faraco e Moura (1992), a narração estruturada em versos surgiu na Grécia e começou a ser extinta no século XVIII e deu lugar ao gênero narrativo, desenvolvido por meio da ficção, estruturado em forma de crônica, conto, novela ou romance. Tal gênero baseia-se na realidade para criar, porém não possui compromisso com a verdade.

Para Franco Junior (2003), é comum uma narrativa ser dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão. O autor ressalta a importância também de analisar a maneira como o conflito é desenvolvido, pois através disso poderá observar se a narrativa é literária ou jornalística. A narrativa literária procura manter o leitor interessado ao texto por meio de inúmeras possibilidades de trabalhar com o conflito.

Na narrativa literária, tais detalhes ganham relevância exatamente porque intensificam tanto a dramaticidade do conflito como o grau de ambiguidade que caracteriza a história narrada – o que faz com que o texto tenha maior abertura no que se refere às suas possibilidades de interpretação pelo leitor. (FRANCO JUNIOR, 2003, p. 35).

A literatura é, portanto, um dos bastões mais poderosos da comunicação de massa. Castro e Galeno (2005, p. 90) argumentam que o jornalismo não pode suplantar a informação contida nas narrativas literárias para se tornar a única fonte de cultura. “Ao contrário, precisa beber na fonte literária para educar o leitor semimorto, abandonado à sua própria sorte pela indústria de informação”.

As características da narrativa literária influenciam a linguagem adquirida pelo jornalismo literário que criou um meio de unir características e conceitos para gerar um novo gênero do jornalismo.

7. O JORNALISMO LITERÁRIO

O jornalismo literário é um texto que busca a liberdade, ou seja, não seguir as regras estabelecidas pelas técnicas jornalísticas tradicionais. Que seja possível realizar uma produção utilizando detalhes que recriem a cena na mente do leitor. Uma produção realizada de forma literária é para ser lembrado depois de anos.

O jornalismo literário baseia-se sempre na perenidade e aprofundamento dos fatos. Para Pena (2005), o primordial no jornalismo literário é ir além do senso comum, livrar-se da superficialidade, e dos prazos de validade impostos pelo jornalismo diário. Por este motivo, a ausência do lead é característica nos textos literários.

Gay Tuchman afirma, segundo Pena (2005), que a objetividade é uma forma de autoproteção dos jornalistas. E explica que o jornalista literário, pode obter essa mesmo autoproteção com pensamentos mais complexos.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba construindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2005, p.14).

O jornalismo literário não é datado pela periodicidade. Seu objetivo não é noticiar o imediato. Não é apenas relatar os fatos, e sim proporcionar uma reflexão sobre todos os aspectos da sociedade. Desta forma, é possível criar novas formas de prender o leitor em uma nova maneira de fazer jornalismo. No discurso literário cada tema é contextualizado, relacionado, comparado e, por fim, inserido em uma abordagem aprofundada.

Pena (2005), argumenta que o jornalismo literário ultrapassa os limites do cotidiano, contextualiza as informações, extingue o lead e seleciona as fontes, sem utilizar as mais comuns, e acima de tudo, está ligado com a questão linguística.

Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma

atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia. (PENA,2005, p.21).

De acordo com Lima (1995), de todos os gêneros jornalísticos, a reportagem é a que mais se aproxima da literatura. Esse gênero exige um maior aprofundamento das técnicas jornalísticas. Portanto, compreende-se que a literatura é um caminho espontâneo para embasar uma narrativa do real que una os dois gêneros.

Foi entre os anos de 1840 e 1870 que o realismo social impulsionou a junção da literatura e do jornalismo. Segundo Lima (1995), os autores levaram para as páginas dos jornais um texto mais literário que tinha como objetivo relatar o cotidiano da sociedade. “Sob essa ótica, é de se compreender que o romance do realismo social da época exercia um papel de reprodução do real algo semelhante do que faria a reportagem mais tarde”. (LIMA, 1995, p.141).

Para o autor, a literatura era na época um meio de refletir e expor o desenvolvimento da sociedade que estava se modernizando no campo das ciências humanas, e também no campo industrial.

8. O JORNALISMO LITERÁRIO ATUAL

O jornalismo literário foi aperfeiçoado desde 1960, se solidificou e passou a ser um processo de criação que abrange jornais e também revistas.

Ao analisar as publicações jornalísticas diárias, semanais ou mensais, pode-se concluir que o jornalismo literário ocupa um espaço significativo, principalmente nos meios alternativos. De acordo com Vilas Boas (2007), a presença desse gênero do jornalismo é mais comum em trabalhos de conclusão de curso, livros-reportagens e biografias. Por este motivo, o jornalismo literário se torna mais forte.

Vilas Boas (2007) observa que além das grandes reportagens cada vez mais escassas nas revistas brasileiras, os perfis também estão em extinção. Segundo o autor, durante o período de maior reconhecimento do jornalismo literário no Brasil, (1966 – 1968), os repórteres da Revista Realidade eram motivados a conviver durante dias com o entrevistado. Era essencial presenciar momentos dramáticos para captar o comportamento dos personagens, o ambiente, o trabalho que envolveu a reportagem e as observações do repórter sobre o entrevistado. Vilas Boas (2007), ao lembrar, argumenta “precisamos

resgatar a importância que se dava ao que o indivíduo tinha a dizer de dentro para fora, em vez de fomentar o individualismo e o narcisismo”.

Em entrevista concedida ao Jornal O Diário do Norte do Paraná (31 de outubro de 2007), Vilas Boas comenta que as publicações de reportagens desse gênero tem aumentado e que as premiações direcionadas ao jornalismo literário levou esse gênero ao maior reconhecimento da história no Brasil. O autor conta também que o jornalismo literário ainda é notório nos Estados Unidos, isso porque até hoje existem publicações diárias do gênero. Vilas Boas (2007) acredita que no Brasil a predominância do jornalismo factual dificultou o acesso e o aprendizado dos jornalistas ao jornalismo literário. Para o autor, “o curso de graduação é responsável pela iniciação e desenvolvimento do aluno na área, mas, atualmente não está contribuindo com este importante elemento da formação do jornalista”.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teórico apresentado neste artigo procurou demonstrar as distinções entre o jornalismo e a literatura para que o encontro desses dois campos se torne claro. Observa-se que a oposição mais relevante entre os campos é a objetividade da narrativa jornalística e o aprofundamento da narrativa literária. Enquanto no jornalismo a narrativa é estruturada no lead e na pirâmide invertida, além de o autor aparecer na terceira pessoa, na literatura, os textos podem ser estruturados em introdução, desenvolvimento e conclusão. Além disso, elementos narrativos podem ser citados como personagens, ambiente, o tempo narrativo e também o clímax.

Portanto, a literatura gera possibilidades de criação de textos, narrativas e abordagens dos temas, isso porque utiliza a realidade como inspiração. Ao contrário do jornalismo factual, que tem como finalidade representar a realidade. No entanto, é necessário entender que o leitor é fundamental durante a concepção da notícia, pois é ele quem determina o direcionamento do texto.

O objetivo do jornalismo literário é conseguir unir tanto conceitos jornalísticos quanto os conceitos literários, pois proporciona a liberdade de inserir elementos literários em textos que também representam a realidade. Essa narrativa gera um contato mais próximo com o leitor que, muitas vezes, sente a sensação de estar em uma conversa paralela com o autor. Entretanto, o mais importante é fazer reportagens com conteúdo e prazerosas de ler. Além disso, proporcionar uma visão crítica, a reflexão e a identificação com o leitor.

Procurou-se oferecer nesse artigo uma investigação e um estudo sobre as características do jornalismo literário, sobretudo ao que diz respeito ao diálogo existente entre dois campos: o jornalismo e a literatura.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso de. **A narrativa jornalística para além dos faitsdivers**. Facom/UFJF – v.3, n.2, p. 69-91, Julho/Dezembro 2000. Disponível em: www.facom.ufjf.br

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Falco Masucci, 1969.

CASTRO DE STEFFENS, Maria Helena. **O literário como sedução: a publicidade na Revista do Globo**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2004.

CASTRO Gustavo de; GALENO Alex. **Jornalismo e Literatura a sedução da palavra**. São Paulo: 2ª ed. Escrituras. 2005.

COIMBRA, Oswaldo. **Texto da reportagem impressa: um curso sobre a estrutura**. São Paulo: Ática, 1993.

FACULDADE DE PATO BRANCO. **Normas para apresentação de trabalhos científicos**. Pato Branco, 2004.

FARACO, Emílio Carlos; MOURA, Francisco Marto de. **Língua e Literatura**. São Paulo: Ática, 1990.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. **Esfera e Campo**. São Paulo: Contexto, 2006.

GUERRA, Josenildo Luiz. **O Nascimento do Jornalismo Moderno**. 2003. Belo Horizonte.

JUNIOR, Arnaldo Franco. **Operadores de Leitura na Narrativa**. Eduem, 2003.

LIMA, Edivaldo Pereira. **Jornalismo literário no cinema**. Disponível em: <http://www.textovivo.com.br/edvtt06.htm>

LIMA, Edivaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura**. 2ª ed. São Paulo: Unicamp, 1995.

MANUAL da redação: **Folha de São Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001.

MASSALI, Fábio. **A volta do Jornalismo Literário**. O Diário, Maringá, 31 de outubro de 2007.
Disponível em: <http://www.odiariomaringa.com.br/noticia/161633/>.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

SATO, Nanami. **Jornalismo, literatura e representação**. Escrituras, 2005.

VILAS BOAS, Sergio. **A Hegemonia da aparência nas revistas**. Disponível em:
<http://www.textovivo.com.br/svbt02.htm>